

# CONVENIÊNCIA

**Emerson Azevedo Calixto**

*Advogado*

*Presidente da Comissão de Agilização de Processo Ético-Disciplinar.*

Aprendi na faculdade que a verdade é uma só e que a realidade é diversa para cada indivíduo; a minha realidade é uma, a do meu vizinho outra, alguns com mais sorte e outros com menos; mas a verdade é irrefutável, é única para todos os indivíduos, seja branco, negro ou amarelo, não importa; a verdade é única! Os filósofos têm como objeto em seus estudos a verdade; o vocábulo “filosofia” vem do grego “philosophía”: amor à sabedoria; pode-se dizer amor à verdade! O homem sábio é aquele que ama a verdade.

Não obstante a verdade seja objeto de estudo do filósofo e sua incansável procura, uma parcela dos homens têm a verdade como uma urticária: coça, incomoda, fere; e preferem dizer e ouvir a meia-verdade.

Pois bem amigo leitor, você pode inferir com a leitura dessas primeiras linhas, que eu pretenda escrever um ensaio filosófico, porém, quero deixar claro, desde já, e antes de declinar qualquer outra palavra neste escrito, que não tenho essa pretensão, sequer elaborar conjecturas filosóficas sobre a verdade, mas tão-somente pretendo com esse intróito (e se não conseguir lograr êxito, ao menos soe como um desabafo), fazer uma reflexão sobre a verdade e as meias-verdades do dia-a-dia, aquelas que temos que ouvir ou falar.

A verdade que se contrapõe à mentira; a verdade perdigueira (adjetivo que utilizo com todo respeito e amor que tenho pelos caninos). Infelizmente descobri a meia-verdade de uma forma que me incomodou e concluí que uma grande parcela de homens aprecia a meia-verdade. Pode-se perguntar: “Esse termo existe nos dicionários de filosofia?” Não sei! Talvez para descobrir

teria que me lançar sobre os livros de filosofia, porém como eu já disse, não tenho a pretensão neste escrito de fazer dissertações filosóficas, mas tão-somente expressar uma opinião fundamentada na observação que ordinariamente acontece no cotidiano, na “máxima de experiência” utilizando-me de um termo jurídico cujo conceito está no processo civil. A meia-verdade existe; é às vezes palpável, e muito comum inclusive! Um homem acostumado a dizer a verdade, ou dizê-la em quase tudo, está fadado em um momento da vida a calar-se espontaneamente esmorecido, ou calar-se de forma coativa. Os imperativos da vida exigem!

Imponha-se um “cale-se” ou “tenha um jogo de cintura ao falar”, por sobre aquele vivente amante da verdade.

O leitor pode-me perguntar que é deveras exagerado o que estou dizendo, ou indagar aonde quero chegar com tudo isso. Pois bem! Pretendo chegar em algo bem palpável, que às vezes sentimos quando procuramos dizer sempre a verdade e ouvimos um: “Cale-se!” Ou: “Tente florear! Não fale tudo o que pensa, somente a meia-verdade, rapaz!” Somente isso.

Outro dia recebi o conselho de um amigo quando desabafei, dizendo-lhe que somente sabia falar a verdade sobre as inter-relações políticas e as dificuldades e entraves existentes entre nós causídicos e os nobres desembargadores do poder, e que isso era um defeito, pois sofria críticas pessoais, a ponto de impingirem-me um: “cale-se; tenha jogo de cintura”. Claro, reconheço que censuras sutis (como sói deve ser em alto nível), porém não menos letais e virulentas, a ponto de pegar-me em autocrítica, cabisbaixo e censurando-me porque falei e pensei algo que realmente sentia e tinha como verdade. Ele respondeu-me o seguinte:

—“Você quer sinceridade?”

\_ Sim, afinal tenho a sua opinião em alta estima e não ia me expor à toa!

\_ “Os homens não gostam da verdade, meu amigo, principalmente em nosso país onde há um grande lapso cultural entre as classes sociais, uma dívida democrática absurda com a sociedade, e os conceitos morais e éticos são diversos entre elas, com inter-relações políticas permeadas de autoritarismo”.

\_ De fato amigo, vê-se magistrados sendo ríspidos com advogados; indeferimento de oitiva de testemunhas; manifestações de juízes em audiência com evidente prejulgamento; reclamações de advogados que entram por uma orelha e saem pela primeira narina dos nobres Desembargadores do Poder, estereótipos de “príncipes” não raro rodeados de cortesões imbuídos dos mais sinceros sentimentos de “puxa-saquismo”, e que não admitem que seja de outra forma, pois assim, tem-se mais serenidade para julgar.

Por derradeiro concluí, amigo confidente, que nas relações políticas não deve-se dizer tudo de forma sincera e verdadeira; deve-se mesclar com meias-verdades, e dizer aquilo que as pessoas gostariam de ouvir.

Isso me incomodou, afinal estaria assim sujeitando-me aos algozes da verdade, aos apreciadores da meia-verdade. Não é essa a democracia que almejo, e se a sociedade atual em sua maioria pensa assim, deveria se adaptar em dizer a verdade, acostumar-se com os novos tempos. Não basta dizer que vivemos em uma democracia, que implica na liberdade de expressão, seja falada, escrita ou filmada: é necessário exercitá-la, de forma, ampla, geral, irrestrita e responsável. Aceitar as diferentes opiniões, e não simplesmente rotulá-las de forma pejorativa quando desagrada o modo contundente e incisivo com que são ditas.

\_“Tu és um jovem ingênuo e sonhador, e lamento informar-lhe que a atual sociedade não está pronta para saber a verdade, isso incomoda”.

Por fim, amigo leitor, no final da conversa, rendi-me aos seus argumentos e fui tocando a vida. Mas como em toda ação há uma reação, essa conversa fez-me refletir que talvez a meia-verdade, ouvir ou falar aquilo que convém, dê ao homem a oportunidade de fantasiar, e dependendo do que ouve, sentir-se importante, maior do que realmente é. E também concluí, que talvez a meia-verdade sirva para o interlocutor conseguir facilmente a persuasão de seu ouvinte, que por conseguinte não impõe resistência, pois talvez queira somente ouvir a meia-verdade, aquilo que convém, pois a verdade não tem graça, é enfadonha e impõe responsabilidades que não estamos dispostos a assumir! Saber a verdade sobre uma realidade perde toda a graça; deixa de ter mistério; afinal, qualquer um pode dizer a verdade, até uma criança pode; a meia-verdade é bem mais interessante, pois exige um “plus”: a esperteza!

Uma notícia verdadeira que caia em meus ouvidos não me entusiasma, pois é a verdade, afinal! Mas uma meia-verdade, recheada de detalhes capciosos e de duvidosa veracidade, essa percorre grandes distâncias e satisfaz os espíritos mais sequiosos. O ditado que diz: “A verdade vem à tona, isso não excita!” Por exemplo: se eu disser: “Cheguei em casa à meia-noite, meu bem!”, e referida afirmação puder ser confirmada, isso é em todo sem graça; não acham? Agora, se eu disser: “Cheguei em casa às vinte e três horas”, mas o relógio na verdade marcava duas da madrugada, essa meia-verdade tem mais sabor!

Caprichamos no tom de voz, tornando-a mais grave para impressionar melhor. Afinal, nenhuma percepção de que é meia-verdade deve surgir no espírito e uma vez alcançada a persuasão, involuntariamente esboçamos um meio riso no canto da boca, algo que satisfaz! Sentimo-nos poderosos. Os amantes da meia-verdade deleitam-se, pois para dizerem a meia-verdade têm que ser excepcionais, ter algo que uma criança não tem: a esperteza.